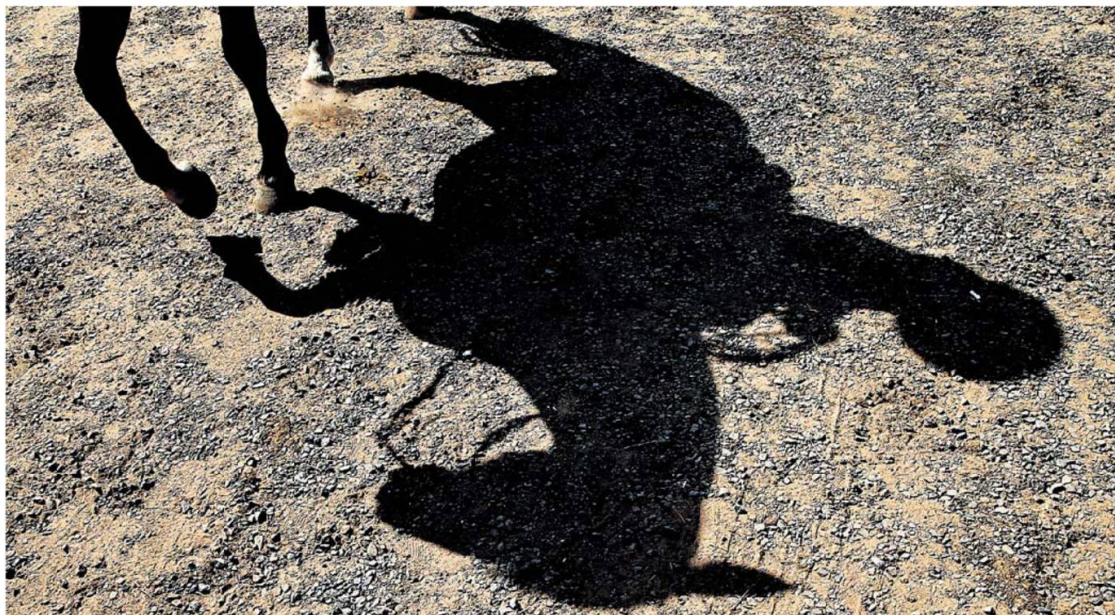


Um ano de polêmica



STOCKFOTOGRAFIA/SHUTTERSTOCK

Para especialistas, é preciso que os criadores se conscientizem e que os organizadores de eventos exijam exames

Discussão sobre a eficiência do teste de maleína abre caminho para judicialização da questão. Desde 2015 foram detectados 41 focos da doença no Estado

CAIO CIGANA

Um ano após a confirmação do primeiro caso de mormo no Rio Grande do Sul, o Estado contabiliza mais de 100 mil exames feitos, 41 focos e 61 animais com resultados positivos para a doença, mas não há promessa de prazo das autoridades sanitárias para debelar a doença. Causada por uma bactéria, a enfermidade infecciosa atinge principalmente os equídeos, mas também é uma zoonose – ou seja, pode ser transmitida para seres humanos.

Responsável pelo programa de sanidade de equídeos da Secretaria da Agricultura, o fiscal agropecuário Gustavo Diehl avalia que erradicar o mormo é um trabalho complexo, que depende da conscientização dos criadores, fazendo os testes, e da cobrança dos exames pelos organizadores e veterinários responsáveis técnicos por eventos como rodeios, onde há circulação de cavalos. Segundo Diehl, o Estado usa o mesmo protocolo empregado em países onde a doença foi controlada.

– Estamos caminhando neste sentido, mas não dá pra dizer quanto tempo vai levar – admite o veterinário.

Os métodos adotados para o controle, entretanto, são alvo de controvérsia. Especializada em equídeos, a professora de veterinária da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) Petra Garbade lembra que há uma grande discussão em torno da qualidade e da eficiência do teste de maleína (substância injetada no animal que provoca reação quando há

contaminação), apesar de ser o teste considerado como conclusivo hoje pelas normativas do Ministério da Agricultura.

– Em muitos países não existe mais esse exame. É algo pouco indicado – pondera a especialista.

A controvérsia abriu caminho para judicializar a questão. Donos de 12 propriedades onde foram verificados focos têm liminares que impediram o sacrifício dos animais. Mesmo assim, as propriedades permanecem interditadas. Para Diehl, há risco porque os animais podem continuar a espalhar a bactéria. Apesar da preocupação das autoridades sanitárias, para Petra Garbade há exagero na repercussão em torno do mormo. Conforme a literatura, no homem é uma doença altamente letal, lembra Diehl.

CRÍTICA À ESTRUTURA E À FALTA DE PESSOAL

Envolvido nas discussões com as autoridades sanitárias pelo envolvimento em eventos em que há confluência de cavalos, o presidente da Federação Gaúcha de Laço, Cleber Vieira, avalia que o trabalho de monitoramento deixa a desejar. Para Vieira, há deficiência de estrutura e de pessoal para controlar o mormo. O receio levou ao cancelamento de vários desfiles da Semana Farroupilha no ano passado. O primeiro caso no Estado foi confirmado no início de junho de 2015, em Rolante.

– A doença nos pegou completamente despreparados – sustenta o dirigente, que também reclama dos gastos para fazer o exame, que chegariam a R\$ 200 por animal, incluindo o teste em si, mão de obra e demais custos.

Para a emissão das Guias de Trânsito Animal (GTAs), são exigidos exames negativos para a doença, válidos por 60 dias. O problema, alerta Vieira, é que muitas vezes a resposta leva 15 dias. Com isso, está em discussão a possibilidade de o prazo de validade ser aumentado para 180 dias.

caio.cigana@zerohora.com.br

A DOENÇA

■ É uma enfermidade infecciosa, de caráter agudo ou crônico, que acomete principalmente equídeos, mas pode atingir também seres humanos, embora seja considerado raro. O agente epidemiológico é uma bactéria.

■ Alguns sinais clínicos frequentes são febre, tosse, corrimento nasal e prostração. Na fase final da doença, a broncopneumonia pode levar o animal a morte por insuficiência respiratória. Não há vacina ou tratamento.

■ Alguns equídeos podem não apresentar sintomas, assim pode ser fonte de disseminação da doença para outros animais e pessoas.

■ Para o diagnóstico, o Ministério da Agricultura preconiza como métodos o teste de Fixação do Complemento como triagem, realizado em laboratório credenciado ou oficial, e o exame complementar de maleinização, que é realizado somente pelo serviço veterinário oficial.

■ Para adoção do sacrifício, é necessário que o animal tenha resultado positivo nos dois testes.

■ O ministério está submetendo à consulta pública projeto de instrução normativa que estabelece as diretrizes para a prevenção, o controle e a erradicação do mormo.

A ENFERMIDADE E A HISTÓRIA

■ O mormo é classificado como um agente de guerra biológica. Embora não existam informações precisas, há várias referências de que foi usado na primeira e na segunda guerra mundial, pela Alemanha, na Rússia, para debilitar e matar cavalos e soldados inimigos.

■ O mormo também teria sido motivo da criação da primeira faculdade de Veterinária no Brasil, no Rio de Janeiro, no início do século passado. Ligada ao exército, teria surgido em função de um surto da doença entre 1908 e 1909, vitimando soldados e cavalos.

“

Em muitos países não existe mais esse exame (maleína). É algo pouco indicado

PETRA GARBADE

ESPECIALIZADA EM EQUÍDEOS, PROFESSORA DE VETERINÁRIA DA UFRGS

O valor para exame fica em torno de

R\$ 200

por animal, incluindo o teste, a mão de obra e os demais custos.